



Cira Arqueologia

N.º 5



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira



Cira Arqueologia

N.º 5



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

PROPRIEDADE

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Museu Municipal

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Museu Municipal

COORDENAÇÃO GERAL

Fátima Roque

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

João Pimenta

TEXTOS

Alberto Mesquita, Ana Margarida Arruda, António Valongo, Carlos Pereira, Carolina Grilo, Cézer Santos, Cleia Detry, Elisa de Sousa, Henrique Mendes, João Pimenta, João Sequeira, José Pedro Henriques, Mário Longuinho Pereira, Nuno Mota, Rodrigo Banha da Silva, Rui Roberto de Almeida, Tânia Casimiro, Vasco Gil Mantas, Victor Filipe

REVISÃO

João Pimenta, Henrique Mendes

DESIGN E PAGINAÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira DIMRP/SDPG
Patrícia Victorino

EDIÇÃO

CD-Rom | 100 exemplares

DATA DA EDIÇÃO

2016/2017

Os artigos são da inteira responsabilidade dos autores.

ISSN

2183069X

Apresentação - Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira	5
1	9
A ocupação Proto-Histórica do Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal) ELISA DE SOUSA, JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES E ANA MARGARIDA ARRUDA	
2	33
Serra de Santa Marina, Cáceres Viejo (Casas de Millán, Cáceres, Espanha). Un Sítio Paradigmático no contexto das Guerras Sertorianas CARLOS PEREIRA	
3	55
Os Cossoiros de Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos) MÁRIO LONGUINHO PEREIRA	
4	76
O Miliário da Quinta de Santa Teresa (Alenquer) e outros problemas viários associados VASCO GIL MANTAS	
5	86
A cerâmica comum da <i>villa</i> romana de Povos, Vila Franca de Xira CAROLINA GRILO E CÉZER SANTOS	
6	116
A Urbanística do Subúrbio Ocidental de <i>Felicias Iulia Olisipo</i> (Lisboa): Um Contributo da I.A.U. da Rua do Ouro n.ºs 133-145 RODRIGO BANHA DA SILVA E ANTÓNIO VALONGO	
7	149
Apontamento crono-estratigráfico para a topografia histórica de <i>Olisipo</i>. A intervenção arqueológica na rua de São Mamede (Via Pública – 19), Santa Maria Maior, Lisboa NUNO MOTA, CAROLINA GRILO, RUI ROBERTO DE ALMEIDA E VICTOR FILIPE	
8	207
Cerâmicas romanas provenientes do rio Tejo, no acervo do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Novos e velhos dados JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES E MIGUEL CORREIA	
9	238
Animal remains from medieval and modern Vila Franca de Xira, Portugal: Excavations at the Neo-Realism Museum CLEIA DETRY E JOÃO PIMENTA	
10	260
Faiança Portuguesa dos Séculos XVI-XVIII recuperada no Tejo TÂNIA MANUEL CASIMIRO E JOÃO SEQUEIRA	
11	274
Da China ao fundo do Tejo. Fragmentos de porcelana dos Séculos XVI E XVII TÂNIA MANUEL CASIMIRO E JOSÉ PEDRO HENRIQUES	



Cirra Arqueologia

N.º 5

➤ Da China ao fundo do Tejo. Fragmentos de porcelana dos Séculos XVI e XVII

TÂNIA MANUEL CASIMIRO (IAP/IHC – FCSH-UNL PÓS-DOC FCT)

JOSÉ PEDRO HENRIQUES (IAP – FCSH-UNL)¹

RESUMO

Oito fragmentos de peças de porcelana foram recuperados em recolhas no rio Tejo. Ainda que sem contexto arqueológico definido é possível, através do estudo da forma e decoração, compreender que foram produzidas e consumidas entre os inícios do século XVI e os inícios do século XVII.

ABSTRACT

Eight porcelain fragments were found in the River Tagus. Despite the absence of a secure archaeological context a study based on formal a decorative elements permitted to conclude that these vessels were consumed between early 16th and early 17th century.

Introdução

As primeiras porcelanas documentadas em Portugal datam do retorno da viagem de Vasco da Gama à Índia em 1499, quando este oferece ao rei D. Manuel I na sua chegada a Lisboa, entre outros produtos exóticos, algumas porcelanas adquiridas em Calecut. A partir desta data, a importação de porcelana chinesa para Portugal não cessou, desempenhando este produto uma importante fonte de lucro e constituindo provavelmente o mais numeroso indício arqueológico do comércio português no oriente. Os lucros obtidos com estes produtos seriam tais que em 1522 um documento de D. João III menciona que os navios vindos da Índia podem trazer até um terço da sua carga em porcelanas, partilhando, no entanto, esse terço, com outros produtos, demonstrando o quão importante seria o peso económico destes bens na primeira metade do século XVI, mas igualmente a grande quantidade que entrou no país (Intino, 1992, 63).

O conjunto de porcelana chinesa em apreço é formado por sete pratos e uma taça, na sua totalidade decorados a pintura azul-cobalto sobre vidro translúcido.

Foram recolhidas no fundo do Tejo sem contexto arqueológico definido, em zonas associadas à exploração de areias e encontram-se depositados nas reservas arqueológicas do Museu de Vila Franca de Xira.

A publicação de artefactos sem contexto arqueológico é sempre uma tarefa difícil sobretudo porque a sua interpretação encontra-se sempre condicionada ao facto de não sabermos onde, quem ou como aqueles bens foram consumidos. Todavia, reconhecendo a importância destas porcelanas enquanto objectos de importação produzidos na China, sabemos que a presença de louça chinesa ao longo do curso do Tejo manifesta movimentações comerciais que não podemos ignorar até porque estes materiais, apesar da sua frequência nos contextos arqueológicos portugueses, não seriam acessíveis às camadas pobres da população, sendo

sobretudo encontrados associados a contextos com uma classe económica mediana dentro dos centros urbanos, possivelmente mercadores ou oficiais, ou ligados a palácios e casas religiosas, de norte a sul do país, ainda que muitos deles careçam de publicação mais detalhada (Leal e Ferreira, 2007; Gomes e Gomes, 1993, 195; Fernandes e Carvalho, 1998; Lopes e Roque, 2012; Botelho, 2012; Trindade, 2012).

São peças que se encontram com frequência nas cidades localizadas nas margens do Tejo com maior incidência nos contextos lisboetas (Henriques, 2012; Gomes, Gomes e Casimiro, 2015; Casimiro, Boavida, Moço, no prelo), mas igualmente nas cidades nas margens do rio demonstrando como esta via fluvial seria certamente o meio de distribuição mais utilizado. Falamos dos exemplos de Almada (Pequito, 2000, 69), Vila Franca de Xira (Pimenta e Mendes, 2007, 222), Abrantes (Delfino e Portocarrero, 2014, 90) ou Santarém (Carneiro, 2000).

As evidências

O exemplar mais antigo desta colecção é o fragmento de prato, fabricado em pasta grosseira de tonalidade bege, com pé em anel de secção triangular ligeiramente reentrante, ostentando na superfície interna medalhão central com decoração vegetalista delimitado por duas linhas em círculo. Na superfície externa, a parede oferece ténues vestígios de incisões profundas verticais (Fig.1C). A exiguidade do fragmento não permite o reconhecimento completo da sua forma nem da temática decorativa no centro, contudo, a característica pintura em pinceladas vigorosas e de contorno rude, onde o contraste dos tons de azul se mostra mal conseguido, bem como a presença de decoração incisa na parede externa, remete-nos para uma produção de inícios do século XVI, comuns durante o reinado Zhengde, imperador entre 1506 e 1521, e extensamente exportados para o sudeste asiático. Com uma decoração semelhante existe um pequeno prato na Fundação Baur, em Genebra, onde se observam quatro crisântemos com as respectivas hastes assentes numa rocha, datados de inícios do século XVI (Crick, 2010, 308). Objectos da mesma cronologia foram identificados no decorrer das escavações arqueológicas do Aljube em Lisboa, em contextos dos finais de quinhentos, o que demonstra a durabilidade da porcelana nos quotidianos quinhentistas lisboetas (Henriques, 2012, 321, Est. 1.2).

Devemos no entanto referir a existência de peças iguais recuperadas em contexto de naufrágio de dois navios portugueses na costa sul-africana. O suposto São João, naufragado em 1552 junto de Port Edward e o que foi reconhecido como o São Bento, em 1554, em Msikaba (Maggs, 1984, fig. 9; Auret e Maggs, 1982, fig. 31-33).

A possibilidade de em ambos os casos se tratarem de aquisições de peças que circulavam no mercado asiático por um longo período de tempo, ou objectos cujo fabrico se prolongou, constituem algumas hipóteses interpretativas, uma vez que formam uma pequena parte da porcelana recuperada, sendo a restante perfeitamente integrada nas produções já de época do imperador Jiajing, contemporâneo destes naufrágios.

É durante o reinado do imperador Jiajing (1522-1566) que podemos enquadrar a produção de quatro peças do conjunto aqui apresentado. Ao contrário da anterior, são fabricadas em pasta muito fina, completamente branca, pintadas em dois tons de azul-cobalto contrastante, com traços finos e precisos, exceptuando um exemplar de características menos cuidadas (Fig.1D).

O fragmento de fundo de prato com pé em anel ligeiramente reentrante de secção triangular, ostenta no medalhão central delimitado por duplo traço, a cabeça de uma fénix (Fig.1B). Símbolo do sol, da fertilidade, colheita abundante, boa sorte e longevidade, é o segundo dos animais imortais taoístas a seguir ao dragão, seguida do unicórnio e da tartaruga e também emblema da imperatriz.

São conhecidos dois pratos com o motivo da fénix na Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, em Lisboa, datadas de meados do século XVI (Matos, 1996, 61). Também no Convento de Santana em Lisboa foram encontrados dois pratos com um motivo semalhante (Gomes, Gomes e Casimiro, 2015, 99, Fig. 7.3 A-B). Em ambos os casos a fénix está a contemplar uma bola de fogo, elemento que poderá corresponder àquele que aqui observamos mas que é de difícil leitura dado o estado de fragmentação da peça.

Contemporânea da anterior é o fragmento da pequena taça de corpo hemisférico com bordo sub-circular. Na face interna a decoração desenvolve-se de forma paralela ao bordo, e é constituído por fina linha a azul abaixo da qual se desenvolve faixa mais espessa de pequenos elementos vegetalistas muito estilizados que enquadram pequenos pontos a azul. Na superfície externa a linha do bordo encontra-se delimitada por duplo traço, abaixo dos quais se destaca elemento decorativo em forma de medalhão polilobado, que na base apresenta uma cabeça de *ruy* estilizada. O interior é preenchido por um leão, símbolo da sabedoria de Buda, guarda porta dos templos, por vezes representado a jogar com uma bola de brocado (Fig.1A).

A decoração em medalhões circulares na superfície externa, normalmente em número de quatro, é conhecida desde meados do século XVI, tal como o atestam os exemplares recuperados no já supra citado naufrágio do São Bento (Auret e Maggs, 1982, fig. 11. 2 e 3). FIG.1

De fabrico menos cuidado é o fragmento de fundo de prato, com pé em anel reentrante, e pintura esbatida a azul-cobalto de tonalidade acinzentada sobre a pasta de coloração também ela acinzentada (Fig.1D). A natureza dos motivos decorativos é de difícil percepção, parecendo destacar-se a representação de uma nuvem muito estilizada no interior do medalhão central delimitada por dois traços a azul. A caldeira é decorada em ambas as superfícies por motivos vegetalistas muito estilizados. Esta coloração que em nada caracteriza a produção de porcelana durante este reinado, deve-se muito provavelmente, não apenas ao uso do azul-cobalto de *Shanggao*, de origem local (Crick, 2010, 226), que lhe atribui uma coloração mais pálida que as restantes peças da colecção, mas também devido a um mau controlo da quantidade de oxigénio no interior do forno durante o seu processo de cozedura. Embora não tenhamos conseguido encontrar nenhum paralelo directo para este exemplar, o facto de apresentar um corpo espesso excluem-no nas características produções de exportação do final do reinado do imperador Jiajing, sendo provavelmente contemporâneo das duas peças acima referidas.

Na segunda metade do século XVI desenvolve-se uma das temáticas decorativas com maior difusão da porcelana de exportação para os mercados do sudeste asiático, Médio Oriente e Europa. O fragmento de prato com bordo recortado em forma de chaveta e secção subcircular é exemplo típico desse período (Fig.2A). Na aba a decoração desenvolve-se em faixa, delimitada junto ao bordo por traço a azul que contorna o recortado do mesmo, enquanto na zona de transição para a caldeira, deixada em reserva, é delimitada por traço simples. No interior dessa faixa observa-se na zona inferior uma série de finos traços a azul que representam água denotando-se a presença de uma garça branca, entre motivos de vegetação aquática estilizados. No tardo, a aba é decorada por um ramo vegetalista estilizado, enquanto na caldeira se observa parte do que corresponde ao ramo de um pessegueiro, onde em exemplares completos é possível observar uma ave pousada. Embora no caso acima referido não seja possível perceber qual o motivo decorativo do medalhão central, este é por norma pouco variado, consistindo essencialmente em paisagens marí-

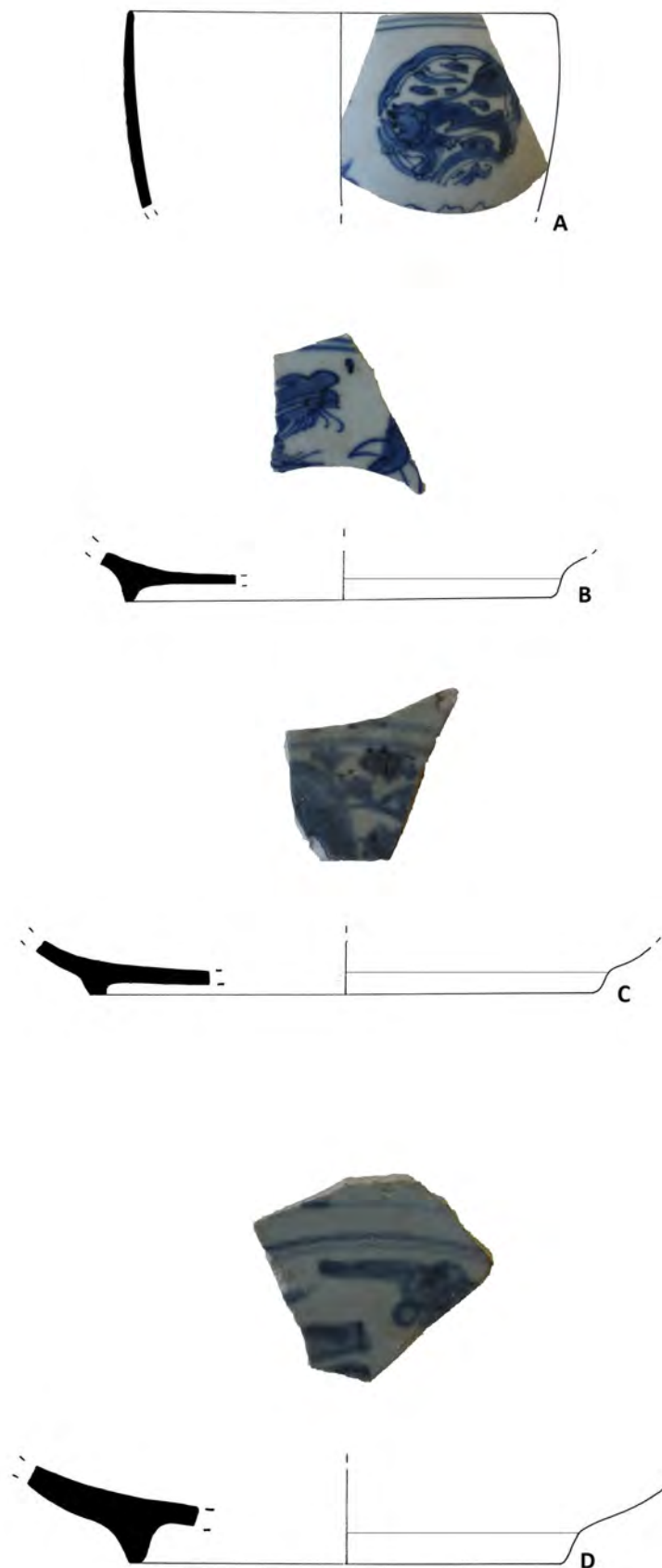
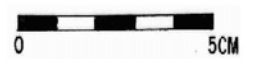


Figura 1

A. Taça – Jiajing
 (1522-1566); B e
 D. Pratos – Jiajing
 (1522-1566) C. Prato –
 Zhengde (1506-1521)



timas e pagodes representados em pequenas ilhas. Algumas delas apresentam-se como se estivessem a levitar, o que se pode associar às imagens do paraíso *penglai* de tradição taoista, tal como se observa no exemplar existente no Princeshof National Museum of Ceramics (Ströber, 2013, 168, fig. 62 e 63).

A garça, símbolo de longevidade, tal como o pessegueiro que é o fruto sagrado, carregam em si uma simbologia de vincada tradição taoista, de que o imperador Jiajing era especial seguidor.

Na Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves conhecem-se quatro pratos com a decoração na aba semelhante ao exemplar aqui apresentado, e cujo medalhão central ostenta os mesmos motivos decorativos marítimos e arquitectónicos (Matos, 1996, 86-91). Recuperados em contexto arqueológico conhecem-se exemplares semelhantes no Convento de Santa Clara-a-Velha em Coimbra, no Palácio dos Condes de Penafiel e no convento de Santana, ambos em Lisboa (Barreto, 2007, 30, fig. 18; Henriques, 2012, 323, Est.2.17; Gomes, Gomes e Casimiro, 2015, 99, Fig. 7.3D) e também na Fortaleza de Nossa da Luz, em Cascais (Rodrigues, *et all.*, 2012, 873, Fig. 4.45).

De datação ligeiramente posterior à peça anterior, mas de configuração formal em tudo idêntica, é o fragmento prato decorado na aba com um cogumelo *lingzhi*, símbolo da imortalidade e considerado pelos místicos taoistas como comida dos génios, entre enrolamentos vegetalistas, com o tardo da aba decorado por ramos vegetalistas estilizados (Fig.2D).

Conhece-se um conjunto de seis pratos com a mesma decoração no Palácio de Santos em Lisboa. Neste caso, a aba encontra-se preenchida por elementos vegetalistas, enquadrando dragões *chi* intervalados por cogumelos *lingzhi*, de pintura acelerada e pouco cuidadosa em azul-cobalto (Lion-Goldschmidth, 1984, 24, Fig. 32 e 33). A autora enquadra este tipo de decoração no reinado de Longqing, imperador entre 1567 e 1572, mas o trabalho de pintura destas peças poderá colocá-las em época mais próxima do reinado do imperador Wanli, sendo por isso as antecessoras do aparecimento da porcelana *kraak*. O motivo decorativo presente no medalhão central destes pratos constitui-se por norma na representação de paisagens com gamos ou aves (Lion-Goldschmidth, 1984, 26).

A porcelana *kraak* é talvez a que melhor vai definir a exportação de porcelana para a Europa nos finais do século XVI e inícios da centúria seguinte, sobretudo para os países nórdicos, em particular a Holanda. O próprio termo que define este tipo de produção surge por corrupção do termo *carraca*, denominação pela qual eram conhecidos os navios portugueses da época, que os holandeses vão capturar ainda nos finais de quinhentos e onde tomam contacto com a enorme quantidade de porcelana chinesa a bordo das ditas embarcações. Neste conjunto incluímos os dois restantes exemplares desta colecção.

O fragmento de pequeno prato em aba, de paredes finas, caldeira baixa e pé de secção triangular ligeiramente reentrante, pintado a azul-cobalto em dois tons contrastantes, apresenta a típica decoração desta porcelana produzida durante o reinado do imperador Wanli (1573-1619) (Fig.2B). A caldeira e a aba encontram-se totalmente preenchidas por um painel de cartelas irradiantes, de contornos recortados e preenchidos por motivos vegetalista onde se observa ramo de pessegueiro com os frutos muito estilizados, separadas por painéis mais estreitos pintados com fiadas de jóias e pontos emoldurados por motivo em semicírculo na base. No tardo a composição decorativa obedece à do interior, contudo menos carregada, onde a cartela mais larga aparece a enquadrar uma jóia estilizada enquadrada por quatro pontos. O medalhão central que neste, caso não, é possível obser-

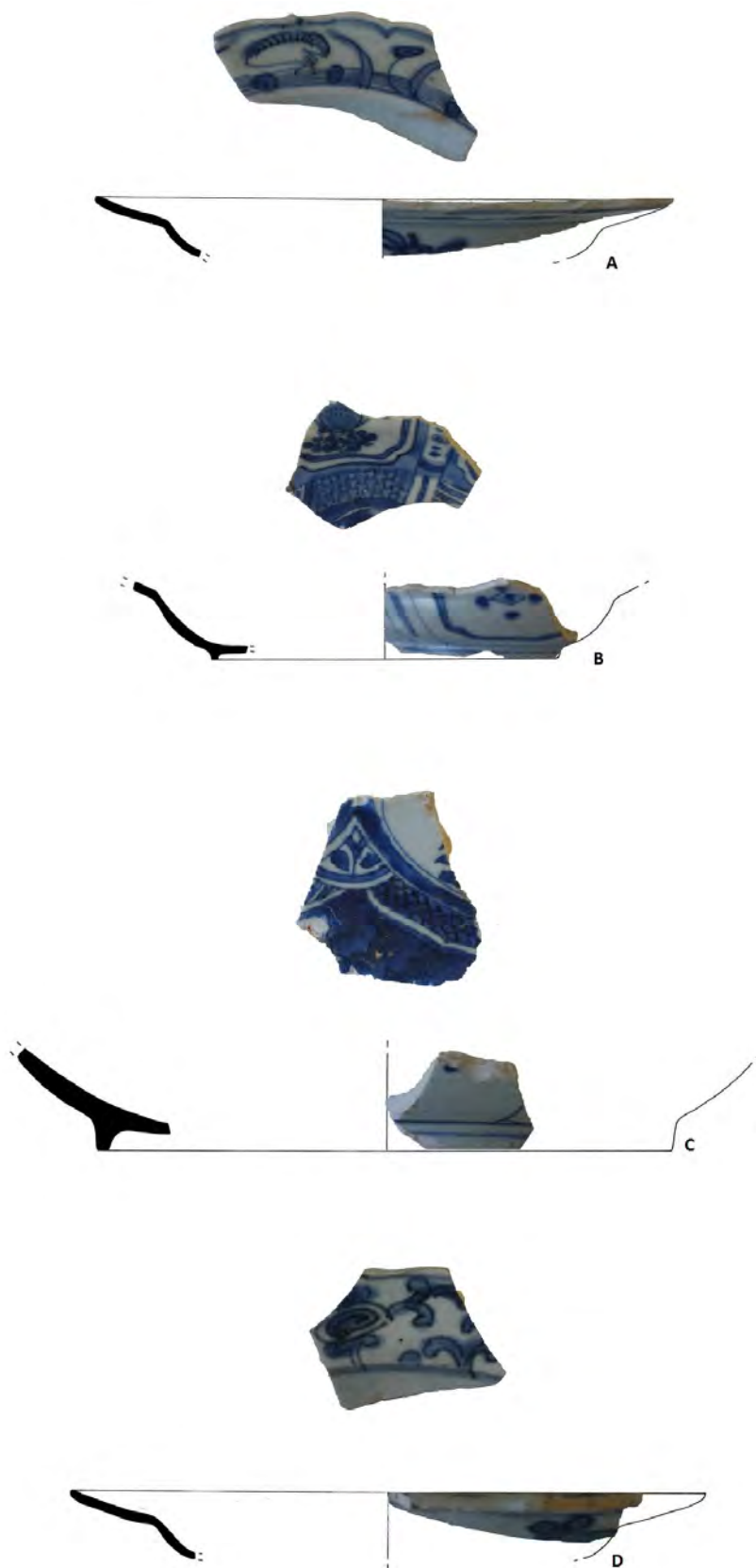


Figura 2
A. Prato – Jiajing
(1522-1566); B. e C.
Pratos – Wanli
(1573-1619) e D. Prato.
Longqing (1567-1572)
ou Wanli.



var, encontra-se separado da cartela por um típico painel de decoração geométrica, neste caso com escamas, desenhado em forma de chaveta contígua. Data de cerca de 1600 em diante um prato semelhante da Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves (Matos, 1996, 119), tal como o exemplar existente na Jorge & Welsh em Lisboa (Vinhais, *et all.*, 2008, p. 138, Fig. 15). Pratos semelhantes foram recuperados em contextos datados do terramoto de 1755 no Palácio dos Condes de Penafiel, em Lisboa, e na Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, em contexto datável do séc. XVII. (Henriques, 2012, p. 323, Est.2.19-20; Rodrigues, *et all.*, 2012, p.873, Fig. 4.47).

Contemporâneo da anterior é o fragmento de fundo de um prato, de média dimensão, fundo espesso com pé de perfil triangular e paredes finas (Fig.2C). A decoração na superfície interna é pintada a azul de cobalto de tonalidades contrastantes, observando-se parte do painel em forma de estrela, preenchido por motivos geométricos de escamas e suásticas, que delimita o medalhão central recortado em forma de chaveta contígua, com elementos vegetalistas difíceis de classificar dado o estado de fragmentação. Na confluência das pontas do painel, encontramos uma cabeça de *ruy* estilizada. Na caldeira observamos a existência de painel circular ou em forma de lágrima, preenchido por motivo vegetalista. Conhece-se uma peça idêntica na Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves e na Jorge & Welsh, ambos datados do primeiro quartel do século XVI (Matos, 1996, p. 129; Vinhais, Welsh e Stilwell, 2008, 126, Fig. 11). Estas peças são por vezes moldadas no bordo e na caldeira e a decoração acompanha esse padrão moldado, situação que não se observa no exemplar em estudo. FIG. 2

Conclusão

Atendendo às características das peças apresentadas é possível enquadrar o conjunto acima descrito, numa longa diacronia de cerca de cem anos, entre o primeiro quartel do século XVI e os primeiros vinte e cinco anos do século XVII, representando assim o apogeu da importação de porcelana chinesa para Portugal. As produções da segunda metade de seiscentos, sobretudo as peças do chamado “período de transição”, entre as Dinastias Ming e Qing, são ainda mal conhecidas no território português, não existindo por enquanto exemplares identificados (Henriques, 2012, 926).

A ausência de contexto arqueológico não nos permite tirar conclusões sobre o tipo de consumidores ou sequer em que ambientes foram estas peças utilizadas, ainda que acreditamos terem pertencido a gente com posses suficientes para as adquirirem. Quem consumia estas porcelanas é ainda uma discussão em aberto. As elites políticas e religiosas estariam certamente entre os consumidores mais frequentes, sendo de destacar a informação que o Arcebispo de Braga fornece ao Papa Pio IV, no qual em Portugal se come nas porcelanas da China e não em objectos de prata (Calado, 2003, 7). Contudo, estes materiais tendem a surgir igualmente em contextos que podemos designar de medianos, pelo que é possível que o seu preço não atingisse, em certos momentos de maior importação, valores impossíveis de alcançar.

É provável que tenham ido parar ao Tejo já depois de descartadas algures numa cidade das suas margens. São peças que, por norma, são preservadas durante muito tempo e aparecem sempre em contextos arqueológicos cuja datação é muito posterior à sua produção. Não obstante, representam a forma como o Tejo servia de veículo de abastecimento das cidades montante de Lisboa, algo que é registado arqueologicamente desde a Antiguidade.

BIBLIOGRAFIA

- AURET, C.; MAGGS, T. (1982) – The Great Ship São Bento: remains from a mid-sixteenth century Portuguese wreck on the Podoland coast. *Annals of the Natal Museum*. Vol. 25(1), p. 1-39.
- BARRETO, L. F. (coord) (2007) – *Macau: O Primeiro Século de Um Porto Internacional*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau.
- BOTELHO, I. (2012) – Uma taça de porcelana branca e uma asa em grés na “Arca de Mijavelhas”: História e estórias reveladas pela construção da Estação do Campo 24 de Agosto do Metro do Porto. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, p. 245-254.
- CALADO, R. (2003) – *Faiança Portuguesa da Casa-Museu Guerra Junqueiro. Séculos XVII-XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- CARNEIRO, A. (2000) – O Mundo a azul e branco. Porcelanas e faianças da Casa do Brasil (Santarém). In Custódio, J. (coord.) *Casa do Brasil/Casa Pedro Álvares Cabral*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém, p. 61-76.
- CASIMIRO, T.M.; BOAVIDA, C.; MOÇO, A.M. (no prelo) – Louça “de fora” em Carnide (1550-1625). Estudo do consumo de cerâmica importada. In *Actas do I Encontro de Arqueologia de Lisboa – Uma Cidade em Escavação*. Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa.
- CRICK, M. (2010) – *Chinese trade ceramics for South-East Asia from the 1st to the 17th century: collection of Ambassador and Mrs Charles Müller*. Genève: 5 Continents; Milan: Foundation Baur, musée des arts d’Extrême Orient.
- DELFINO, D.; PORTOCARRERO, G. (2014) – *8000 anos a transformar o barro. Cerâmicas do miao*, Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes.
- FERNANDES, I.C.; CARVALHO, A.R. (1998) – Conjuntos Cerâmicos Pós-Medievais de Palmela. In *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 211-255.
- INTINO, R. (1992) – La Découverte de la Chine L’aventure Portugaise. In *Du Tage à la mer de Chine. Une épopée portugaise*, p. 53-65.
- GOMES, M.V; GOMES, R.V. (1993) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV, XV e XVI, do Poço – cisterna de Silves. *Xelb*. 3, p. 143-205.
- GOMES, M. V., GOMES, R. V., CASIMIRO, T. M. (2015) – Convents, monasteries and porcelain: a case study os Santana Convent. Lisbon. In Buxeda I Garrigós, J.; Madrid I Fernandez, M.; Iñáñez, J (ed.), *Global Pottery 1. Historical Archaeology and Archaeometry for Societies in Contact*. BAR International Series 2761. Oxford: Hadrain Books, p. 93-101.
- HENRIQUES, J. P. V. (2012) – Do Oriente para Ocidente: Contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos de época moderna. Estudo de três contextos arqueológicos de Lisboa. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, p. 919-932.
- LEAL, C.; FERREIRA, M. (2007) – *Cuidados de higiene e de saúde em uma comunidade monástica do século XVII: o caso do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Portugalia*. Vol. XXVII. Nova série, p. 89-117.
- LION-GOLDSCHIMDTH, D. (1984) – Les porcelains chinois du palais de Santos. *Arts asiatiques*. Paris. 39, p. 5-72.
- LOPES, G.; ROQUE, C.; (2012) – A intimidade palaciana no século XVII. Objectos provenientes de um esgoto do Paço dos Lobos da Gama (Évora). In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, p. 201-208.
- MAGS, T. (1984) – The Great Galleon São João: remains from a mid-sixteenth century wreck on the Natal South Coast. *Annals of the Natal Museum*. Pietermaritzburg. Vol. 26(1), p. 173-186.
- MATOS, M. A. P. de (1996) – *A Casa das porcelanas: cerâmica chinesa da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa: Instituto Português dos Museus.
- PEQUITO, L. (coord.) (2000) – *Núcleo Medieval/Moderno de Almada Velha. O passado como expressão do presente*. Almada; Câmara Municipal de Almada.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2007) – *A escavação de um troço da via romana Olisipo-Scallabis em Vila Franca de Xira. Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 10. N.º2, p. 189-228.
- RODRIGUES, J. A. S.; BOLILA, C.; FILIPE, V.; HENRIQUES, J. P.; RIBEIRO, I. A.; SIMÕES, S. (2012) – As cerâmicas da Idade Moderna da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Cascais. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, p. 865-876.
- STRÖBER, E. (2013) – *Ming: porcelain for a globalised trade*. Stuttgart: Arnoldsche.

- TRINDADE, A.R. (2012) – Cerâmica dos séculos XV a XVII do Convento de Santana de Leiria. História e evidências em torno da cultura material. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, p. 527-538.
- VINHAIS, L.; WELSH, J.; STILWELL, A. (eds.) (2008) – *Porcelana kraak: O desenvolvimento do comércio global no final do século XVI e início do século XVII*. Londres: Jorge Welsh Books.

NOTAS

- ¹ Os autores não subscrevem o acordo ortográfico de 1990.